

SUPREMO REAGE CONTRA GOLPISTAS

O ministro Alexandre de Moraes autoriza a PF a fazer uma operação de busca e apreensão contra empresários que articulavam em grupo de WhatsApp um golpe de Estado em caso de vitória de Lula.

Os sigilos telefônico e telemático foram quebrados e estão suspensas as contas bancárias e redes sociais



focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 29 de Agosto de 2022 Nº 73

O debate da Band mostra o despreparo do inominável
Na sabatina do JN, Lula conquista votos e dá esperança
Laerte Coutinho: o Brasil não merece o atual governo
Seis anos do impeachment de Dilma Rousseff pelo Senado
A despedida da atriz e comedianta Claudia Jimenez



Está no ar a exposição virtual
**SÉRGIO BUARQUE DE
 HOLANDA: 120 ANOS**

Acesse em fpabramo.org.br/CSBH

FUNDAÇÃO
 Perseu Abramo
 Partido dos Trabalhadores

focus
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Editor-Chefe: Olímpio Cruz Neto

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo, Danilo

Molina, Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Pedro Camarão e Ricardo Stuckert



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
 Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Geraldo Magela e Valter Pomar

CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff

Presidente: Fernando Haddad

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar, Arthur

Chioro dos Reis Fontenele, Arlete Sampaio, Azilton Viana,

Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto,

Eleonora Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de

Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de

Oliveira Andrade, Fernando Pimentel, Fernando Ferro,

Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo,

Lais Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de

Moura, Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,

Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,

Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia

e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo

(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína

Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),

Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio

Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338



NESTA EDIÇÃO

PLANALTO E EMPRESÁRIOS SE ASSUSTAM COM REAÇÃO DO SUPREMO

Ricardo Stuckert



Empresários aliados do governo que questionam urnas eletrônicas e pregam um Golpe de Estado em caso de derrota de Bolsonaro levam uma invertida com a ação da PF autorizada pelo ministro Alexandre de Moraes.

Página 10

ENTREVISTA. A cartunista Laerte se diz espantada diante do retrocesso político

Página 4

ESTADISTA. Na Globo, Lula se mostra o líder experiente que o país precisa agora

Página 14

DEBATE. Bolsonaro é desmascarado pelos adversários na Band

Página 15

PESQUISA. Nova rodada de pesquisas mostra Lula à frente na corrida eleitoral

Página 16

OPINIÃO. Reginaldo Lopes ressalta os planos de Lula para superar a crise social

Página 19

ECONOMIA. Famílias mergulhadas em dívidas, e Lula propõe renegociar

Página 20

LAWFARE. Na Argentina, MP promove perseguição política a Cristina Kirchner

Página 22

WIKILEAKS. Bachelet recebe os advogados de Assange em Genebra

Página 23

GOLPE. Senado Federal aprovava, há seis anos, o impeachment de Dilma

Páginas 24 e 25

HISTÓRIA. Criação da CUT em 1982 e da lei de partilha do pré-sal em 2009

Páginas 26 e 27

BIOGRAFIA. John French lança em setembro livro sobre a trajetória de Lula

Página 28

BASTIDORES. CPI vira livro de Humberto Costa e Randolfe Rodrigues

Páginas 29

HOMENAGEM. País se despede da comediantes e atriz Cláudia Jimenez

Página 30

“NUNCA SE VIU UM GOVERNO COMO ESTE. É O MEU GRANDE ESTUPOR”

Uma das grandes expressões do cartum brasileiro, Laerte Coutinho tem dificuldades para processar o retrocesso que o país viveu nos últimos anos. “Eu fico pensando como é que esse sujeito não só foi eleito em 2018, como tem cerca de 30% de intenções de voto em quase todas as pesquisas hoje... 680 mil mortos depois. Fico abismada com o nosso país, com a gente, sabe, porque eu me vejo fazendo parte deste país”

Bia Abramo e pedro Camarão

Estou até hoje abismada e atônita”, diz Laerte sobre o Brasil de 2022. A cartunista, ilustradora e artista de quadrinhos começou a conversa com a revista Focus Brasil expressando sua dificuldade de entender seu “estupor diante da realidade”, que segundo ela, ainda está parado em 2018.

Mesmo se perguntando continuamente se tem o que dizer, Laerte não para de produzir, disseminando seu humor irônico (às ve-

zes no limite do nonsense), o traço elegante e os “achados” de narrativa, que tornam a artista uma das mais importantes dos quadrinhos brasileiros.

Com trajetória iniciada ainda no final dos anos 1970, ou seja, no final da ditadura militar e com atuação quase febril nas décadas 1980 e 1990, tanto nas tiras diárias para a *Folha de S. Paulo* quanto com os álbuns dos *Piratas do Tietê*, Laerte também é reconhecida como uma referência das artes gráficas, pela diversidade impressionante do seu trabalho, e, por que não, pela capacidade de traduzir a cada dia

as perplexidades e contradições da vida brasileira.

Focus Brasil – Eu queria saber um pouco a visão que você tem sobre esse país atual, do seu sentimento com relação a esse Brasil do Bolsonaro...

Laerte Coutinho – Essa pergunta meio que já mata a entrevista toda, ela já meio define tudo. Bolsonaro alega que o governo dele teve o azar de pegar a pandemia e que... Mas ele está tentando desesperadamente parecer menos tóxico. Francamente, o meu grande estupor em relação à realidade



e aos acontecimentos está parado ainda lá em 2018. Eu não entendo até hoje. Todo mundo tem várias linhas de explicações, “não, porque é o uso do WhatsApp”, “é o uso das redes sociais que foi simplesmente genial”. Quer dizer, a gente reconhecer que alguém como o Carlos Bolsonaro é genial, é triste. Mas sim, foi usado com maestria, com muita eficiência. Mesmo assim, é o Bolsonaro, gente. Sabe? Não é o Alckmin, não é o Serra, não é nem o Sarney, [ri] não é o Maluf. Não é o Maluf. Chegar a esse ponto de dizer uma coisa dessas, pensar um negócio desses... O Bolsonaro é muito além do Maluf.

A gente achava que o Maluf era um suprassumo assim do gangsterismo, da máfia, do profascismo... Não. O Bolsonaro vai muito além. Eu fico pensando como é que esse sujeito não só foi eleito em 2018, como tem cerca de 30%

de intenções de voto em quase todas as pesquisas hoje... 680 mil mortos depois. Fico abismada com o nosso país, com a gente, sabe, porque eu me vejo fazendo parte deste país. Não importa se eu votei em quem eu votei, importa que eu faço parte desse contexto social que elegeram este monstro, que foi capaz disso e seria capaz, teoricamente, de fazer isso de novo. Eu estou até hoje abismada e atônita. Eu fico boba tentando entender... Isso altera todas as minhas perspectivas, sobre o meu trabalho, sobre as minhas relações no mundo, sobre tudo, sobre o modo de entender, enfim. É isso. Eu ainda estou tentando entender o que aconteceu.

– Você acha que esse retrocesso tem volta? A gente consegue retomar um ritmo, um presente em que a gente consiga pensar em um futuro?

– Pois é... A primeira coisa que eu fico pensando é quem sou eu para dizer isso... [finaliza a frase com uma gargalhada curta] No plano singelo da conversa de bar, eu posso responder: eu acho que não. Eu acho que a gente nunca mais vai ser o que foi. Eu acho que o governo Lula não vai ser o que foi. Eu acho que a gente vai ter que... É como ter que conviver com uma pessoa que matou outra. Você tem que levar aquilo numa boa, sabe? É isso... A gente vai ter que lidar com realidades que são chocantes. Uma parcela muito grande da população brasileira, e não estamos falando só de gente relacionada com o crime ou de idiotas funcionais, não, estou falando de uma parcela grande da população, mesmo, gente que a gente conhece e que votou e votaria de novo nesse cara. [Gente que] faz parte de grupos de WhatsApp que continuam, hoje, divulgando

fake news. E não adianta a gente chegar e dizer que... Sabe, invocar as leis ou a moralidade ou a ética ou não sei o quê e dizer: "Não, nós estamos com a razão. Eles estão sem a razão". Nós todos estamos aqui nessa realidade e vamos ter que fazer tudo isso juntos. Eu acho que nunca mais a gente vai ser o mesmo país que já foi. Se a gente por acaso tiver um momento mais luminoso de desempenho na economia, na sociedade, e se a gente conseguir ganhos aqui e ali, eu acho que independentemente disso, a gente não vai mais voltar a pontos onde já estivemos. A gente vai ter que achar novos pontos. Essa é a minha opinião de boteco.

– A gente faz essa pergunta por que você é uma artista que atuou profissionalmente muitos anos conectada à realidade brasileira, ao jornalismo e aos movimentos sociais, e isso em momentos mais esperançosos.

– Eu muitas vezes me pergunto por que estão me entrevistando. Eu não estou assim num momento muito bom da minha autoestima, por causa de um conjunto de coisas que tem a ver com a idade ou talvez com sequelas da Covid... [Fala rindo] Não sei, não tenho certeza, mas eu estou vivendo um momento de autoavaliação muito desfavorável. Eu fico pensando por que estão me entrevistando. Eu não entendo nada. Eu não conheço nada. Eu não terminei curso nenhum. Eu leio pouca literatura científica ou informativa, desses temas eu leio pouco. Eu leio bastante, mas eu leio literatura, ficção e tudo. O meu trabalho não é uma referência analítica. Eu não sei. Eu fico com esse tipo de avaliação. Estou fazendo análise [fala rindo]. Mas essas coisas demoram... Eu não me sinto segura em relação ao que eu penso e às coisas que eu digo. Eu acho que na época em que eu comecei, por exemplo, você mencionou o João Ferrador,

isso foi o final dos anos 1970. Naquela época, eu acho, pelo que eu me lembro, eu estava mais seguro de mim. Eu tinha, assim, uma certa certeza de que eu estava do lado certo, na companhia das pessoas certas. E eu estava na companhia de pessoas muito legais. Assim o Sérgio Gomes, que criou a Oboré, e o Henfil, que veio de Natal para trabalhar com os sindicalistas. O Lula, sabe. Conheci o Lula. Então, eu transitava numa área realmente de pessoas do caralho. Agora,

**NUNCA MAIS A
GENTE VAI SER O
MESMO PAÍS QUE
JÁ FOI. SE TIVER
UM MOMENTO
MAIS LUMINOSO,
A GENTE NÃO VAI
MAIS VOLTAR ONDE
JÁ ESTIVEMOS**

eu mesma... Eu acho que isso me fez com que eu me contaminasse também dessas certezas todas. E boa parte dessas certezas me abandonou. Eu não tenho mais certeza de muita coisa. Eu tenho certeza de coisas que me comovem ou que me movem, mas são coisas meio basilares. Quando as amigas trans que eu tenho, e conheço, e respeito, estão se candidatando e vão sendo alvo de ataques super truculentos e ameaçadores... Sabe, eu me movimento nesse momento, nessa hora. Mas eu fico pensando quanto de estra-

tégia política tem nisso [fala rindo]. Não sei. Acho que nada.

– Acho que a gente passou um período muito traumático desde a eleição do Bolsonaro e a pandemia e acho natural estar insegura. Mas ainda assim tem horas que o seu quadrinho diz tudo, sua charge é praticamente uma análise de conjuntura. Então, talvez algo aí daquele outro momento não tenha te abandonado.

– Trabalhar com essa realidade não é nem uma questão de nojo. É uma questão de... Quando se trata de fazer uma charge política, de fazer um trabalho que tem necessariamente que carregar alguma ideia política e lidar com a linguagem do humor, que é tecer esses fios todos do ridículo... Você está lidando com um sujeito que não tem o menor sentido de decência, ridículo, compostura. Você está lidando com um sujeito que limparia a bunda em público sem o menor problema. Ele fará isso em algum momento. Esse sujeito... Fazer uma charge sobre esse sujeito, você percebe que já tem que partir de um ponto muito além da linguagem do humor. Então, não adianta você dizer que o cara é genocida. Ele está pouco se fodendo com isso, realmente pouco se fodendo. Chamá-lo de genocida é uma espécie de ponto de partida de onde você tem que começar. Agora, ele não liga. Ninguém liga para isso. Ninguém conecta os 680 mil mortos à pessoa, entendeu? Então, você tem que trabalhar em alguma direção que seja capaz de avançar e produzir um efeito. Eu sei que charges não derrubam o governo, mas a charge tem algum nível de eficácia. Ela tem uma possibilidade de ser contundente. Para conseguir essa contundência, em se tratando do Bolsonaro e do bolsonarismo, a gente tem que pensar de um modo que nunca pensou, porque o ridículo, o chocante, o absurdo já está

sendo produzido e performado por essa gente toda. Nunca se viu um governo como este. Nunca se viu. Nunca se pensou em alguém como Damares [Alves, ex-ministra da Família], sabe? Nunca se pensou em alguém como Ricardo Salles [ex-ministro do Meio Ambiente] chefiando... E chefiando as áreas que eles chefiam, o que é uma espécie de grande piada. Você pega a Damares e põe ela para chefiar uma coisa de famílias. E aí você pega o Ricardo Salles e põe no meio ambiente. Isso seria uma piada já. Nos anos 80 a gente contaria um negócio desses "kkk"... Daria risada. Não, não é mais para rir, é o que a gente está vivendo. Então, como é que você faz uma charge num momento e a partir de uma realidade como essa? Eu não sei. Eu acho que é uma luta difícil, muitas vezes é frustrante porque a gente não consegue chegar numa boa saída. Ontem, eu fiz uma charge que foi meio instintiva, assim, mas me agradou. E eu estou pensando até agora porque me agradou. Eu acho que ela foi bastante eficiente. Eu peguei um meme que tem muito na internet, que é o Tintim, o Capitão Haddock e o Milu. O Capitão Haddock está com uma aparência cansada e fala assim "Que semaninha, hein?" E o Tintim vira para ele e fala "Capitão, ainda é quarta-feira" [Ri no final da frase]. Esse meme vem circulando há muito tempo, mas ele circula na população que consome memes. Essa é uma das limitações do trabalho que eu fiz, porque eu fiz uma versão desse meme desenhada com Tintim e tudo, mas o capitão sendo o Bolsonaro. [Conta rindo] E o Bolsonaro falando "que ano, hein", e o Tintim fala "Capitão, ainda é agosto".

– Boa...

– Pois é, por que que é boa? Eu fiquei pensando... Antes de publicar eu pensei, será que eu publiquei isso? Eu publiquei, mas eu fico

pensando: por que ela é boa? Ela é só um meme de um meme, ela é uma citação de um meme. Todo mundo entendeu? Parece que sim. A quantidade de bolsonaristas que entraram na caixa de comentários para me ofender, para tentar chamar Lula ladrão e tal, me diz que eu acertei no nervo [falou rindo]. Mas por que ela é boa? Não sei, eu fico pensando. Todo mundo sabe que o Bolsonaro está com medo de perder a eleição. Isso...

**NÃO ADIANTA
VOCÊ DIZER QUE
ESTE CARA É UM
GENOCIDA. ELE
ESTÁ POUCO SE
FODENDO COM
ISSO, REALMENTE
POUCO SE
FODENDO...**

– Posso arriscar uma hipótese?

– Pode, claro.

– **Eu acho que o Bolsonaro começou aí uma campanha eleitoral com esse medo de perder e muito sem direção, né... As pesquisas estão mostrando que ele não está crescendo, apesar do auxílio emergencial...**

– O pacote de "bondades", né?

– **Exatamente, do pacote de bondades. Então, se os bolsonaristas acusaram o golpe, eu acho que você atingiu um**

nervo. Recentemente a gente falou da aposentadoria do Angeli e foi um negócio muito comovente... Como você vê essa experiência da geração de vocês?

– Acho que isso o futuro que vai ter que dizer. Eu penso com mais clareza no que o pessoal que fez o *Pasquim* deixou. Para mim, esse é um legado mais nítido. O que nós deixamos? Eu acho que isso é o que está contido nas publicações que a gente fez *Chiclete com Banana*, do Angeli; *Geraldão*, do Glauco. E o *Piratas do Tietê*, que eu fiz. Essa experiência de quadrinhos e humor que a gente viveu e produziu, eu acho que se distingue da experiência do *Pasquim* por conta dos períodos históricos. O *Pasquim* foi fundado em 1969. É fruto desse período de ditadura. Nossa produção, embora a gente tenha trabalhado durante a ditadura também, mas essa produção marcante que acabou ficando, é fruto do estertor da ditadura, do final da ditadura e desse período imediato, que sucede imediatamente a ditadura. Então, ela tem marcas que são características desse período, que é essa linguagem muito fervilhante, de desabafos, o uso de equipamentos de expressão, assim, que estavam proibidos, que estavam racionados e reprimidos durante a ditadura. Então, a gente tem essa marca de uma "perestroika brasileira", da nossa "glasnost". Tanto é que eu acho que eu não sei se o Glauco estivesse vivo hoje se ele continuaria... Provavelmente continuaria, porque o Glauco era muito especial. Mas eu não continuaria a fazer *Los Três Amigos* nem *Piratas do Tietê*, porque não corresponde mais ao modo como eu vejo a sociedade, como entendo a realidade, como percebo o meu trabalho, também.

Então, eu acho que esse legado que você mencionou tem um lugar no tempo mais evidente que é o final da ditadura. E eu acho

que ele tem legados que representam as pessoas individualmente. Por exemplo, o Angeli, além do *Chiclete com Banana*, deixou a construção de uma linguagem de charge política que é preciosíssima. E daí já não é mais o *Chiclete com Banana*, é o trabalho dele na *Folha de S.Paulo*, na página 2. Assim, uma revolução, um trabalho incrível. Até hoje as charges que o Angeli fez nos anos 90 e no início dos anos 2000, você pode publicar até hoje, tranquilamente. Elas têm o mesmo impacto e a mesma expressão... [A mesma] expressividade. Recentemente, eu acho que a [revista] *Piauí* usou uma coleção de charges do Angeli e é impressionante porque parece que ele fez essa semana. Eu mesma não sei [começa a rir], quer dizer, a parte que me toca... Eu não sei. Eu gosto do modo como eu passei a construir tiras e HQs a partir do início dos anos 2000. Eu acho que isso, para mim, foi muito importante. Se isso funciona como influência ou como uma referência importante, aí já não é comigo.

– **Eu queria fazer um preâmbulo antes sobre a tira do meme do Tintim e do Capitão Haddock. Eu lembrei aqui que a gente fez uma entrevista há um tempo atrás com o Silvio Almeida. E ele foi muito feliz quando falou que o Bolsonaro sequestrou o presente. A essa tira mostra um pouco que ele perdeu o controle e isso talvez o assuste.**

– Talvez seja isso. Eu acho que ela tem um tom de otimismo assim que, para mim, foi meio inesperado. Ele já não controla isso, né... O Silvio [Almeida] tem razão. Isso o que você está comentando agora, o Silvio tem toda a razão. Bolsonaro transformou o país num pântano e a gente só consegue pensar em função de quando a gente tirar esse desgraçado daí a gente vai tentar entender o que fazer. O que dá para fazer hoje é

ficar negociando como derrubar esse desgraçado, essa peste, essa praga que está no governo. Então, é tudo em função de como vamos derrubar esse desgraçado. Todas as alianças possíveis, todas as construções possíveis. Mas e daí, para governar depois? Ah, isso depois a gente vê por que... De certa forma é isso, claro que o Lula tem programa e perspectivas do que fazer em cada área. Ele já deixou isso muito claro. Eu acho que ele está certo, é encarar a mi-

[MINHA GERAÇÃO] TEM LINGUAGEM MUITO FERVILHANTE, DE DESABAFOS, O USO DE EQUIPAMENTOS DE EXPRESSÃO, QUE ESTAVAM PROIBIDOS NA DITADURA

séria absoluta em que as pessoas estão, ou que uma grande quantidade de gente no Brasil está vivendo em uma condição de miséria assustadora e inédita também. Então, acho que esse é o primeiro problema, é começar por aí.

– **Como disse o Xico Sá numa outra entrevista que a gente fez: “Eu sou a favor da frente ampla, amplíssima, até onde doer, aí depois que ganhar, aí todo mundo se estapeia por espaço. O importante é derrotar o cara”.**

– [Ri] É interessante e eu em prin-

cípio, concordo, mas a gente vai derrotar alguém que está num posto-chave, que é a Presidência da República, e a gente vai ter que encarar um Congresso que está completamente contaminado. É claro que já não era nenhuma belezinha, né? Mas o Congresso foi contaminado com essas práticas que o Bolsonaro institucionalizou no governo dele, elas vão continuar por quanto tempo? Quando a gente vai conseguir vencer isso e com que armas e com que forças e com que argumentos? E a quantidade de instituições destruídas, equipamentos de fiscalização completamente detonados, órgãos que foram desmontados em todas as áreas, de vigilância ambiental, de cultura. O cara foi uma bomba atômica sobre o Brasil. A quantidade de destruição que esse desgraçado promoveu e com o apoio de muita gente também, é assustador. Então, derrotar o Bolsonaro é o primeiro passo de muitos outros. Derrotar o bolsonarismo não vai ser muito fácil, não.

– **Sobre essa questão de “sequestrar o presente”, isso tem muito a ver com as redes sociais. E eu queria saber se você pensa um pouco sobre a questão das redes sociais, se você relaciona com isso? Porque de alguma maneira, para determinados públicos elas viraram uma concorrência muito forte ao jornalismo, aos jornais, aos veículos de informação. E é uma coisa que também a gente não sabe se tem volta.**

– É, não é exatamente uma concorrência. Elas viraram uma realidade que não pode ser ignorada pelo jornalismo. Quando você vê a *Folha* fazendo manchete de uma notícia que já foi fartamente comentada no dia anterior... Quer dizer, você tem uma notícia que é manchete naquele dia, mas ao mesmo tempo, no *Painel do Leitor*, já tem gente comentando aquilo.

Por quê? Porque se informou na internet. Então, as redes sociais, a internet, o jornalismo representado por uma quantidade grande de blogs, de sites e de portais que surgiram nesse movimento, é um jornalismo também. Quer dizer, é o jornalismo que tem que se transformar e tem que se reconduzir. E eu acho que se apresentaram novas circunstâncias para o jornalismo. É possível, por exemplo, se produzir um jornal com muito mais opinião do que noticiários. Mas é possível também você dar uma outra dimensão para a reportagem. Eu estou falando de coisas que são possíveis, não exatamente de coisas que são praticadas com muita frequência.

– Nesse sentido, Laerte, do ponto de vista técnico, a tecnologia facilita o trabalho do ilustrador ou do cartunista, do chargista? O fato de não depender mais do papel para publicar todo dia, você gosta disso?

– Gosto. Eu acho que facilita sob todos os pontos de vista, desde o ponto de vista meramente técnico. Fazer um desenho com os recursos que os programas gráficos oferecem tem muito mais eficiência, as possibilidades são muito maiores. E a possibilidade de você terminar o trabalho, enviar para a mídia que vai reproduzir também é muito, muito rápido, então, tudo isso favoreceu. Eu acho que isso favoreceu muito o cartum, essa linguagem do humor, da charge, do cartum e da tira. Além do ponto de vista técnico e operacional, dessa coisa logística, do ponto de vista de elaboração também. Eu acho que as redes e os canais da mídia da internet são valiosos para os artistas e as artistas. Para mim, é importantíssimo. Aliás, uma das constatações que eu tive nesse episódio da charge em que eu usei o meme do Tintim e do capitão, foi isso. O meu trabalho é uma elaboração em cima da realidade

política do país, mas usa elementos para sua compreensão que estão todos dentro da rede social. Quer dizer, eu fiz um meme a partir de um meme. Eu fiz uma charge a partir de um meme e eu estou supondo que todo mundo sabe do que se trata. Por incrível que pareça, tem gente que não sabe e que acha que eu plagiei.

– Você acha que tem um boom agora de quadrinhos brasileiros?

– Eu também não estou dando conta, não. É muito mais do que

A DESTRUIÇÃO QUE ESSE DESGRAÇADO PROMOVEU E COM O APOIO DE MUITA GENTE, É ASSUSTADOR. DERROTÁ-LO É O PRIMEIRO PASSO DE MUITOS

eu consigo acompanhar. Eu nem faço um esforço tão grande para acompanhar, porque eu sei que mais cedo ou mais tarde eu vou acabar vendo tudo. Mas tem muita gente que começou na pandemia, começou a publicar nas redes sociais ou um pouco antes da pandemia. Teve agora há pouco tempo, um festival de quadrinhos que é muito famoso e que ficou suspenso durante a pandemia e voltou é o Festival Internacional de Quadrinhos de Belo Horizonte e era uma coisa impressionante ver, acompanhar pelo Twitter e pelas

pelos redes sociais o pessoal jovem, autores e autoras, comentando e dizendo que foram, que foi demais, que venderam bastante ou que não venderam muito. Mas, enfim, a quantidade toda de publicações que está aparecendo é muito entusiasmante. Eu fico bem impressionada.

– O que você continua lendo de ficção, de literatura, que te importa ou a que você recorre?

– Estou lendo o romance do Sérgio Rodrigues, “A Vida Futura”. Eu estava querendo ver já, mas não pude ir ao lançamento, então eu comprei. É incrível, não dá para largar. Peguei ele ontem e já estou terminando. Eu botei para fazer “tabelinha” com outros livros que eu estou lendo. Eu tinha me programado para ler coisas volumosas que eu nunca li, por exemplo, “A Montanha Mágica”, do Thomas Mann, e eu li. Daí eu falei: “agora, quero ler ‘Grande Sertão’” [ri]. Eu nunca li. Então, estou tentando me pôr em dia com os livrões. Li “Grandes Sertão: Veredas”, é incrível, incrível. Eu gostei do Thomas Mann” e estou lendo o “Doutor Fausto, também. Nesse meio tempo eu comprei o do Sérgio Rodrigues e tive que interromper tudo porque eu não consigo largar o livro. Quadrinhos... Eu tenho uns clássicos que eu leio sempre: como *Calvin*, do Bill Waterson; o *Quino*, qualquer coisa dele; e algumas autoras como a Ruth Modan, que é uma autora israelense. E a Alison Bechdel, que é uma autora americana que eu amo também. E os trabalhos do meu filho, o Rafa Coutinho... Por exemplo, “O Beijo Adolescente”, eu acho um trabalho incrível, tem três volumes que são... É uma saga. Luiz Eduardo Soares fez com o Rafael uma ficção científica que o Rafael ilustrou e está sendo lançado esses dias. É uma ficção científica que o Luiz Eduardo escreveu. É muito legal. •



RECADO CLARO Alexandre de Moraes disse que não iria deixar ataques passarem em branco ao tomar posse no TSE

A REAÇÃO DURA DO SUPREMO

Empresários que pregavam contra a ordem democrática e não aceitam derrota de Bolsonaro são alvos da Polícia Federal. Presidente fala em liberdade de expressão, mas esconde que executivos financiam fake news contra a democracia

A pregação golpista de empresários reunidos em um grupo de WhatsApp desafiando as instituições democráticas e pregando um golpe de Estado caso Jair Bolsonaro seja derrotado levou à uma reação do Supremo Tribunal Federal. Há 40 dias das eleições presidenciais, a Polícia Federal cumpriu na terça-feira, 23, mandados de busca contra vários líderes empre-

sariais, por determinação do ministro Alexandre de Moraes.

O presidente do TSE resolveu agir contra os apoiadores proeminentes do líder da extrema-direita. Eles são suspeitos de financiar fake news, reforçando inclusive as alegações infundadas de Bolsonaro de que o sistema eleitoral brasileiro é vulnerável a fraudes. No grupo de WhatsApp, os empresários reforçam as suspeitas de que estariam se movimentando bases

para uma tomada de poder se a votação levar à vitória do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Os mandados miram oito empresários que estavam reunidos na trampa denunciada pelo jornalista Guilherme Amado, do site de notícias *Metrópoles*. Os executivos milionários são Afrânio Barreira Filho (Coco Bambu), Ivan Wrobel (W3 Engenharia), José Isaac Peres (Multiplan), José Koury (Barra World Shopping), Luciano Hang



QUEM SÃO OS BILIONÁRIOS ALVOS DA PF

LUCIANO HANG

O empresário catarinense de 59 anos é dono da rede varejista Havan e apoia o presidente Jair Bolsonaro desde 2018. Foi investigado pela CPI da Covid por suposto envolvimento no chamado gabinete paralelo, suspeito de dar orientações para o uso de medicamento sem eficácia contra a Covid, como a cloroquina. Também é investigado pela PF por financiar fake news. De acordo com a Forbes 2021, ele é uma das pessoas mais ricas do mundo, com uma fortuna avaliada em mais de R\$ 15 bilhões. Em 2021, investigação do 'Pandora Papers' revelou que o empresário manteve por quase vinte anos uma empresa em um paraíso fiscal no valor de 112,6 milhões de dólares.

JOSÉ ISAAC PERES

Fundador e acionista da Multiplan, o empresário de 82 criou a sua primeira empresa, a incorporadora Veplan, aos 22 anos. A Multiplan seria criada em 1975, e seu capital, aberto em 2007. O empresário tem um patrimônio avaliado em R\$ 7,5 bilhões, de acordo com o ranking dos bilionários da Forbes, de 2018. No passado, fundou a incorporadora e promotora de vendas de imóveis Veplan Imobiliária. Nas conversas do grupo, diz que as pesquisas de intenção de voto são manipuladas e que o TSE tem ministros petistas. O empresário ainda colocou em dúvida a lisura das últimas eleições, repetindo o discurso de Bolsonaro.

VELHO CONHECIDO Luciano Hang diz que decisão do STF é abusiva e se coloca na posição de vítima. Mas já era investigado por financiar fake news

(Havan), Luiz André Tissot (Sierra), Marco Aurélio Raymundo, o Morongo (Mormaii) e Meyer Joseph Nigri (Tecnisa). O ministro Alexandre de Moraes determinou ainda o bloqueio das contas bancárias dos empresários, dos perfis de cada um nas redes sociais, além da tomada de depoimentos e a quebra de sigilo bancário e telemático.

Bolsonaro e apoiadores reagiram. "A escalada contra a liberdade, aquilo que eu sempre tenho falado, tem se avolumado em cima destes empresários", afirmou. O presidente ameaçou: "Não falta nada mais para que o Brasil tenha um problema grave provocado por uma pessoa", disse, em referência a Moraes.

O filho deputado macaqueou o pai. "Esta é claramente uma operação para intimidar qualquer figura proeminente de

tomar uma posição política a favor de Bolsonaro ou contra a esquerda", disse o deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP). "Trata-se de um ataque à democracia em plena campanha eleitoral. Censura. Não há outra palavra!", reagiu.

O irmão Flávio Bolsonaro (PL-RJ) foi na mesma linha: "É insano determinar busca e apreensão sobre empresários honestos, que geram milhares de empregos, al-

guns conhecidos de ministros do STF (que sabidamente jamais tramariam 'golpe' nenhum) por dizerem que preferem qualquer coisa ao ex-presidiário, numa conversa privada de WhatsApp".

No sábado, 27, Bolsonaro voltou à carga contra o Supremo, classificando a decisão de Moraes como "descabida", "desproporcional" e "ilegal". "Assim como medidas contra pessoas que têm

**JOSÉ KOURY,
DONO DO BARRA
WORLD SHOPPING,
DESABAFADO NO
WHATSAPP:
"PREFIRO UM
GOLPE À VOLTA DO
PT. UM MILHÃO DE
VEZES MAIS"**

MARCO AURÉLIO RAYMUNDO, O MORONGO

Presidente da Mormaii, é pediatra e conhecido como Morongo. Fundou a empresa em 1976, oferecendo roupas de neoprene a surfistas que encravavam mares gelados, começando pela praia de Garopaba (SC). A marca oferece vestuário e acessórios para modalidades de esportes como surf, mergulho e skate.

MEYER JOSEPH NIGRI

Neto de judeus, formado em engenharia pela Politécnica da USP, tem 66 anos, está à frente do conselho de administração da Tecnisa, uma das maiores construtoras do país. Ele pegou covid em um jantar com amigos do presidente na Embaixada de Israel, em Brasília. É membro do Conselho Deliberativo da Chevra Kadisha, do Hospital Albert Einstein e preside o conselho de administração do Espaço K.

IVAN WROBEL

A construtora W3 é uma empresa de pequeno porte focada em imóveis comerciais e residenciais de alto padrão no Rio de Janeiro. Wrobel surge nas mensagens de WhatsApp questionando se o STF teria coragem de fraudar eleições após desfile militar na Avenida Atlântica, no Rio de Janeiro.

AFRÂNIO BARREIRA

Fundador da rede de restaurantes ficou conhecido pela defesa da cloroquina e da posição de Bolsonaro em relação ao isolamento social durante a pandemia. Em 2020, criticou o lockdown e promoveu demissões em massa durante a pandemia. Diz que nunca defendeu movimento antidemocrático ou golpe.



suas páginas derrubadas, pessoas acusadas de fake news. A liberdade está sendo agredida no nosso país. Não podemos admitir isso aí”, afirmou.

Na reportagem de 17 de agosto, o *Metrópoles* disse que monitorava o grupo do WhatsApp intitulado “Empresários & Política” há meses. Amado reproduziu mensagens enviadas por donos de uma rede popular de restaurantes, shopping centers e construtoras, entre outros, expressando sua lealdade a Bolsonaro e apoiando as alegações do presidente de que o sistema judicial está trabalhando contra ele. Alguns também destacaram os benefícios dos modelos de governança autoritários.

“Prefiro um golpe à volta do Partido dos Trabalhadores. Um milhão de vezes mais”, disse o empresário José Koury. “E certamente ninguém vai deixar de fazer negócios com o Brasil. Como fazem com várias ditaduras ao redor do mundo”. Um dos alvos da operação da PF, o empresário Luciano Hang, que já está em um inquérito do STF por financiar ações antidemocráticas, disse que Koury foi infeliz ao usar a palavra “golpe”.

“Ele [José Koury] poderia ter dito que preferiria um governo militar à volta do governo do PT. E não mudaria nada. Eu preferiria o Brusque campeão do que o Fla-

mengo campeão do Brasil. Cada um tem a sua opinião. Não pode cercear as pessoas de ter opinião e pensamento. Vocês têm que defender isso”, afirmou.

Bolsonaro afirma que as urnas eletrônicas usadas no Brasil desde meados da década de 1990 são propensas a fraudes, sem fornecer nenhuma evidência. Ele também disse que alguns membros do Tribunal Superior Eleitoral estão a favor de Lula da Silva, que lidera todas as pesquisas para retornar à Presidência.

Outros membros do grupo eram mais falantes. “Se o lado que defendemos é vitorioso, o sangue das vítimas se torna o sangue dos heróis!” escreveu um executivo. Outro manifestou interesse nos executivos concedendo bônus a seus funcionários que votam em Bolsonaro, antes que outro membro o informasse que isso provavelmente constituiria compra de votos.

Outros líderes empresariais, mesmo aqueles que apoiam Bolsonaro, têm sido mais cautelosos. Uma reunião em São Paulo na sexta-feira teve dezenas de altos executivos saindo em defesa da democracia, uma característica rara em eleições brasileiras anteriores desde o fim do regime militar em 1985. Alguns dos executivos trabalham para as mesmas empresas



INVERTIDA SUPREMA

Os empresários Marco Aurélio Raymundo, o Morongo (primeira foto à esquerda), dono da Mormaai; e José Koury (ao lado), dono da Barra World Shopping, tiveram os sigilos telefônicos quebrados por determinação do Supremo e estão na mira da Polícia Federal

de líderes que pedir um golpe.

No grupo de WhatsApp, vários empresários apoiam a promessa de Bolsonaro de um grande desfile militar em 7 de setembro, Dia da Independência do Brasil, ao longo da praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. “Quero ver se a Suprema Corte tem coragem de fraudar as eleições depois de um desfile militar... com as tropas aplaudidas pelo público”, escreveu Ivan Wrobel. O desfile “deixará claro de que lado o Exército está”, disse.

O empresário José Isaac Peres, acionista majoritário da Multiplan, administradora de shoppings, disse que Bolsonaro pode perder nas urnas. “O TSE é uma costela do Supremo, que tem 10 ministros petistas. Bolsonaro ganha nos votos, mas pode perder nas urnas. Até agora, milhões de votos anulados nas últimas eleições correm em segredo de Justiça. Não houve explicação”, escreveu.

A reação do ministro Alexandre de Moraes surpreendeu o mundo político, mas pode-se esperar mais. O TSE está se preparando para a guerra às fake news. Alexandre de Moraes decidiu ir ao mercado para contratar um perito especializado em auxiliar investigações de crimes virtuais. O escolhido foi Eduardo de Oliveira Tagliaferro, ex-CEO de uma empresa de perícia digital, nomeado

há duas semanas como chefe da Assessoria Especial de Enfrentamento à Desinformação da Corte. Ele substituiu no posto Frederico Alvim, servidor de carreira do TSE que comandava a área. A ideia de Moraes é dar um peso maior para provas relacionadas aos processos que tratam de fake news e fazer com que a Corte tenha uma biblioteca sólida a respeito da propagação de notícias falsas.

Em Brasília, jornalistas apontam que Moraes conseguiu os dois objetivos que tinha com a contra-ofensiva aos empresários golpistas. Primeiro, deixou claro que qualquer atuação em favor de um golpe de Estado não será tolerada. Isso vale, inclusive, como mensagem para os atos do próximo feriado de 7 de Setembro. Segundo, cruzar informações com o inquirido dos atos antidemocráticos, que corre sob sigilo.

No ano passado, Bolsonaro chamou Moraes de “canalha” durante as manifestações de bolsonaristas que pregavam uma “intervenção militar já”: “Sai, Alexandre de Moraes, deixe de ser canalha, deixe de oprimir o povo brasileiro”, disse a uma multidão. O ministro determinou a operação de busca pela PF de olho em alguns dos empresários, já envolvidos em outras ações suspeitas que ainda não vieram a público. •

JOSÉ KOURY

Dono do Barra World Shopping, que fica na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, e se denomina “o primeiro shopping temático do mundo”. O estabelecimento reproduz a arquitetura dos principais monumentos ao redor do mundo, tais como a Torre Eiffel, de Paris, e as Pirâmides do Egito. O shopping na capital fluminense tem cerca de 400 lojas. No grupo de WhatsApp, teria dito preferir um golpe de Estado do que a volta do PT. Em nota, disse que sempre foi defensor da democracia e da livre liberdade de expressão e de pensamento. “Aquele que for eleito, seja de que partido for, terá nosso apoio integral”, afirmou.

LUIZ ANDRÉ TISSOT

Presidente da Sierra Móveis, o empresário de 66 anos dirige o grupo especialista em mobiliário de luxo. A sede da empresa fica em Gramado (RS). Em 2018, o grupo foi denunciado pelo Ministério Público do Trabalho por tentativa de coação eleitoral, depois de ter enviado carta aos funcionários manifestando preocupação com o rumo da eleição presidencial, pedindo votos em Bolsonaro.



DESTEMIDO E AFIADO Ex-presidente enfrentou todos os temas abordados por William Bonner e Renata Vasconcelos

NA REDE GLOBO, O ESTADISTA

Em entrevista a William Bonner e Renata Vasconcelos, Lula aborda questões polêmicas, como corrupção, rebate críticas a Dilma, defende aliança com Alckmin e promete colocar o povo no centro da economia e do desenvolvimento. “Este país vai voltar a andar”

Sabe por que eu estou querendo voltar? Porque eu quero ser melhor do que eu fui. Eu quero ser melhor. Eu quero voltar porque eu quero fazer coisas que eu deveria ter feito, mas não sabia que era possível fazer. É por isso que eu fui escolher o Alckmin de vice, para juntar duas grandes experiências na minha vida: um cara que foi governador de São Paulo 16 anos, e vice seis anos, e o cara que foi considerado o melhor presidente da história do Brasil. Esses dois que vão governar este país”.

A declaração foi um dos pontos altos da entrevista concedida pelo ex-presidente Luiz Inácio

Lula da Silva ao *Jornal Nacional*, na quinta-feira, 25. Ao longo da conversa de 40 minutos, Lula assumiu o compromisso de “cuidar do povo brasileiro”, combatendo a fome e a inflação. Também assumiu que vai socorrer as famílias endividadadas, especialmente as mulheres e assegurou que vai trabalhar para dar oportunidade de emprego e estudo à juventude. O presidente não fugiu de nenhum tema, nem mesmo das acusações de corrupção, mas o próprio apresentador William Bonner lembrou que o Supremo Tribunal Federal deu razão ao ex-presidente, ao considerar que o então juiz Sérgio Moro foi parcial e anulou a condenação do caso

do triplex e outras ações por ter considerado a Vara de Curitiba incompetente. “O senhor não deve nada à Justiça”, disse Bonner. Lula agradeceu a menção, mas lembrou que, durante cinco anos, foi massacrado. “Estou tendo hoje a primeira oportunidade de poder falar disso abertamente, ao vivo, com o povo brasileiro. A corrupção, ela só aparece quando você permite que ela seja investigada”. Lula disse que não há hipótese, de crimes permanecerem impunes. “Se alguém cometer qualquer crime, por menor ou por maior que seja, essa pessoa será investigada, julgada, e punida ou absolvida”.

O ex-presidente afirmou que,

em um novo governo do PT, os investimentos vão voltar. “Eu digo sempre que tem três palavras mágicas para governar o país: credibilidade, previsibilidade e estabilidade”, disse. “Nunca antes na história do Brasil o governo teve uma chapa como Lula e Alckmin para poder ganhar credibilidade interna e externa para fazer acontecer as coisas no Brasil”. Ele defendeu o governo Dilma Rousseff, lembrando que a ex-presidenta enfrentou as pautas-bombas impostas pelo então presidente da Câmara, deputado Eduardo Cunha (MDB-RJ).

Lula fez ainda duras críticas a Jair Bolsonaro, pela condução desastrosa da economia, que levou milhões à miséria, à volta da fome e a uma das mais graves crises sociais da história. “O Bolsonaro parece o bobo da corte. Ele não coordena orçamento. Veja que engraçado, ele agora acabou de aumentar o auxílio emergencial para R\$ 600, correto? Ele queria 200, a gente queria 600, ele mandou 500, agora mandou 600. Até quando? Até dia 31 de dezembro. Porque na LDO que ele mandou para o Congresso Nacional agora, não tem a continuidade. E ele então acaba de mandar a LDO, e vem aqui mentir e dizer: ‘Não, eu vou continuar, eu vou continuar’. Se ele vai continuar, por que ele não colocou, ali, diretriz orçamentária?”, denunciou.

Na entrevista ao JN, Lula anunciou que pretende resolver um problema que aflige a maioria dos brasileiros: o endividamento das famílias. “Temos quase que 70% das famílias brasileiras endividadas, e a grande maioria delas é mulher: 22% endividadas porque não podem pagar a conta d’água, a conta de luz, a conta do gás. Nós vamos negociar essa dívida. Pode ficar certo que nós vamos negociar, sabe? Com o setor privado e com o sistema financeiro, por que nós precisamos”, prometeu. •

Reprodução



NA BAND Os candidatos se enfrentam, mas Bolsonaro foi um desastre

BOLSONARO É DESMASCARADO

Líder da extrema-direita ataca as mulheres e enfrenta duras críticas. Já Lula diz que povo lembra do seu governo e sente saudade. “Esse Brasil vai voltar”

O primeiro debate entre candidatos à Presidência da República ocorreu no domingo, 28, em clima agitado e marcado pela polarização entre os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva, líder em todas as pesquisas e atacado pelos adversários, e o líder da extrema-direita Jair Bolsonaro.

Ao participar do debate na Band, uma tradição da campanha eleitoral no Brasil desde 1989, Lula teve a chance de lembrar tudo o que fez pelo povo brasileiro quando foi presidente e assumiu o compromisso de fazer ainda mais. “Não posso voltar e fazer menos que fiz”, disse.

O ex-presidente lembrou que pegou o Brasil destruído em 2003, com inflação acima de 10% e desemprego acima de 12%. E, depois de consertar a economia e promover a maior inclusão social da história, deu dignidade aos brasileiros.

“Era um país que o povo tem saudade. O país do emprego, em que o povo tinha o direito de viver dignamente e de cabeça erguida. E esse Brasil vai voltar”, garantiu. Ele reagiu a uma provocação

da candidata Soraya Thronicke (União), que alfinetou dizendo que os feitos de Lula eram uma fantasia. “A senhora diz que não viu este país acontecer, mas o seu motorista viu, o seu jardineiro viu, a sua empregada doméstica viu”.

Os trabalhadores ainda se lembram do tempo em que podiam tomar café da manhã, almoçar e jantar e ver seus filhos entrando na universidade. “Os pobres cresceram, conquistaram cidadania, foram respeitados. E é assim que vai voltar a ser”, prometeu Lula.

Já o candidato Jair Bolsonaro perdeu o controle e partiu para cima das candidatas Simone Tebet (MDB) e a própria Soraya, atacando ainda a jornalista Vera Magalhães. As redes sociais e grupos que acompanhavam o debate foram categóricos em apontar que as mulheres reprovaram o ataque do líder da extrema-direita. Ele ainda teve de ouvir Ciro Gomes (PDT) dizer que Bolsonaro é um corrupto. “Estou falando da sua falta de escrúpulo. Você corrompeu todas suas ex-esposas, todas envolvidas em escândalos. Você corrompeu seus filhos”, disse. •



Ricardo Stuckert

LULA MANTÉM A LIDERANÇA

As pesquisas mostram pequena variação na posição do petista na corrida presidencial, enquanto Bolsonaro, timidamente, avança sobre uma parcela do eleitorado. A diferença chega a 15 pontos

Jordana Dias Pereira

A campanha eleitoral de 2022 começou oficialmente em 16 de agosto. Candidatos, agora com seus números de registro, podem começar

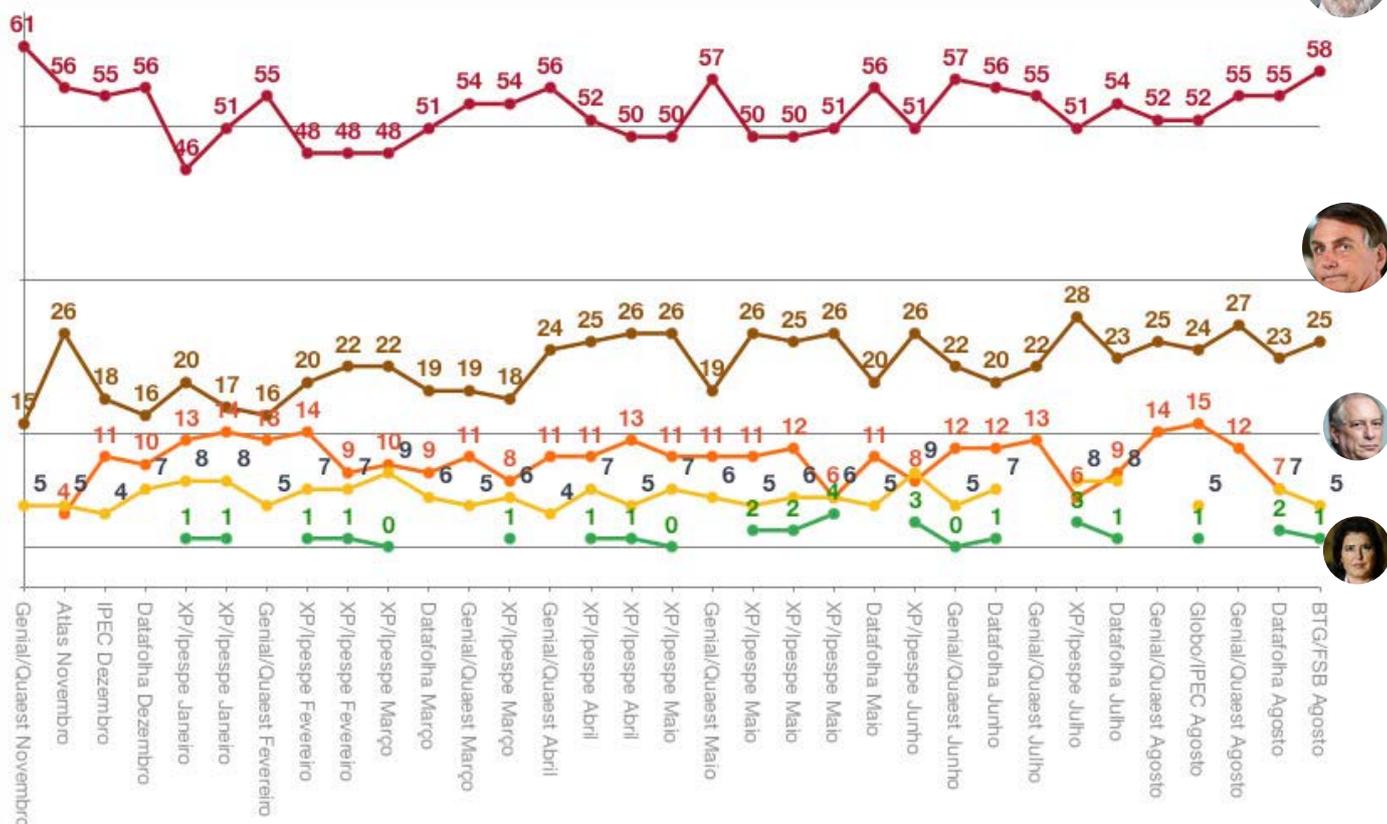
a pedir voto. Há menos de 40 dias das eleições, as pesquisas evidenciam estabilidade na intenção de voto no ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). E é um leve, porém consistente, aumento na intenção de voto no presidente Jair Bolsonaro (PL).

As pesquisas convergem

quanto ao desempenho de Lula. Na pergunta sobre intenção de voto estimulada – em que o pesquisador apresenta a lista de candidatos ao entrevistado –, a Quaest mostra o candidato do PT com 44% da intenção de voto. O Datafolha, com 47%. E o IPEC com 44%. Por fim, a FSB,

Eleição presidencial de 2022. Gráfico 1

Evolução do voto entre eleitores 2 salários-mínimos



Elaboração: Noppe/FPA

45%; e o Idea Big Data, 44%. A variação máxima entre os institutos é de 3 pontos percentuais – 47% do Datafolha versus 44% do IPEC.

Já Bolsonaro aparece com 32% na Quaest, 29% no Datafolha, 32% na IPEC, 36% na FSB e 36% na Idea BigData. Ou seja, as variações entre os institutos são mais significativas. O delta entre o Datafolha – instituto que dá o pior desempenho a Bolsonaro – e FSB – o melhor desempenho – chega a ser de 7 pontos percentuais. O que não é pouco significativo.

Ainda que com variações, todas as pesquisas convergem na redução da distância entre os candidatos. No levantamento Datafolha de agosto, a diferença entre os dois, que era 21% em dezembro, chegou a 15% em agosto.

Para entender a evolução, vale olhar para as segmentações, nos gráficos 1 (nesta página) e 2 (na página seguinte).

Como se nota, Lula segue com grande vantagem – e com tendência de crescimento – entre a base da pirâmide, a população que ganha de até 2 salários mínimos – R\$ 2.424.

Já entre a população de 2 a 5 salários mínimos R\$ 2.424 a R\$ 6.060 – os institutos apresentam diferenças de diagnósticos bastante significativos, mas com uma tendência geral de recuperação de Bolsonaro entre eleitores nesta faixa de renda.

No quadro abaixo, propomos uma reflexão. Mostramos as últimas pesquisas dos principais institutos com o desenho amostral por renda e a intenção de voto nos candidatos à Presidência. Na última coluna, soma-

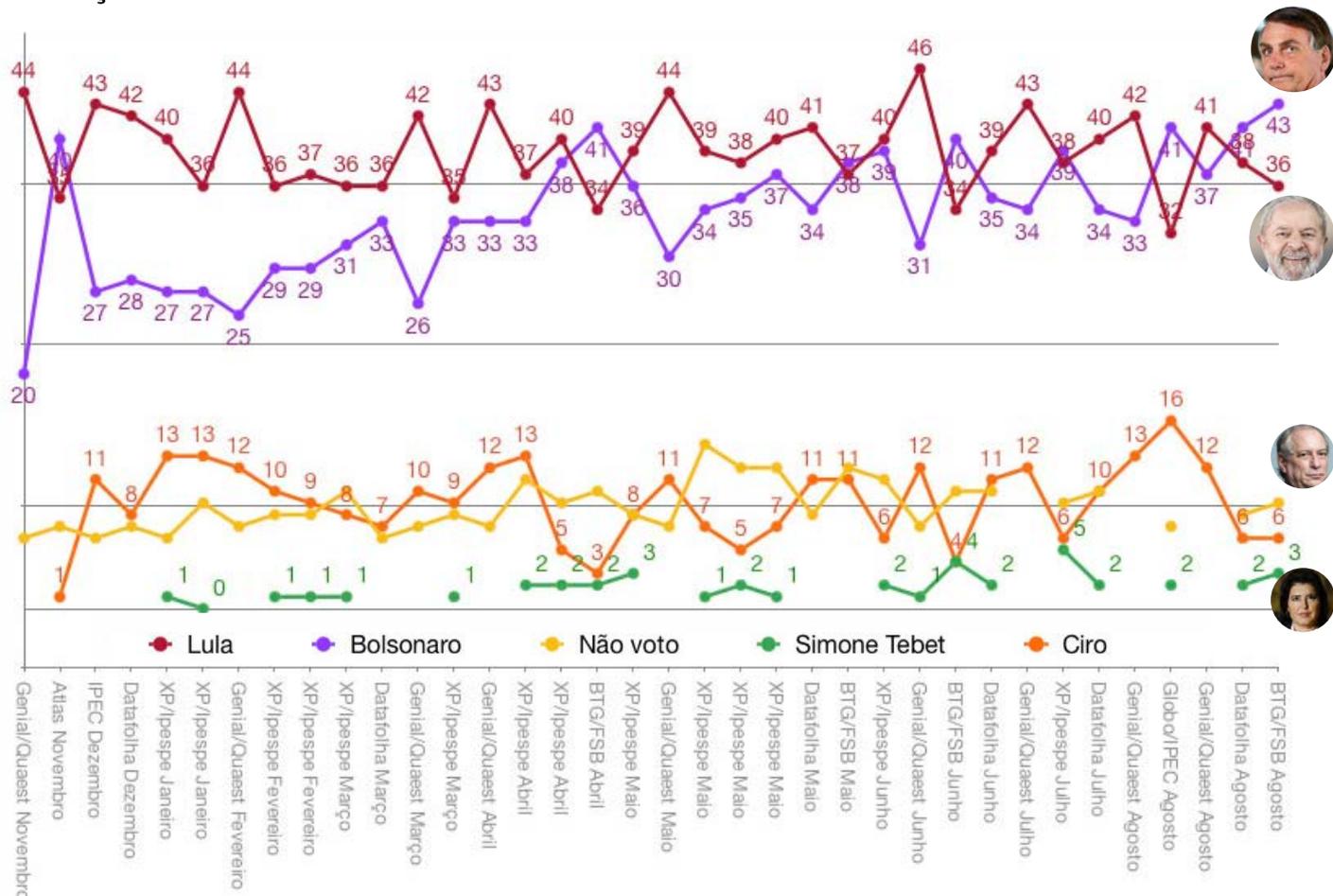
mos a diferença entre intenção de voto no Lula e no Bolsonaro. Em vermelho com números positivos, os segmentos que Lula venceria. Em azul, com números negativos, os segmentos que dão vantagem a Bolsonaro.

Como se pode ver, as amostras que conferem maior peso à população de até 2 salários-mínimo são do IPEC e Datafolha, com 55% e 52%, respectivamente. A Quaest, em contraposição, é a que guarda menor porcentagem desta faixa de renda, com 38%.

Nota-se novamente que entre a população com renda de até R\$ 2.424, Lula dispara com larga vantagem em relação a Bolsonaro. Todas as pesquisas dão vantagem ao candidato petista e a diferença entre os institutos não chega a 5 pontos percentuais. A FSB dá a maior vantagem a Lula

Eleição presidencial de 2022. Gráfico 2

Evolução do voto entre eleitores 2 a 5 salários-mínimos



Elaboração: Noppe/FPA

com 33 pontos, enquanto IPEC e Quaest dão a menor vantagem com 28 pontos. Neste segmento, se as eleições fossem hoje, Lula venceria com tranquilidade já no primeiro turno.

Já entre a faixa de renda entre 2 a 5 salários-mínimos, os institutos divergem. Enquanto FSB, DataFolha e IPEC dão vitória a Lula, Quaest dá a Bolsonaro. Além disso, a distância entre os dois candidatos nessa faixa de renda varia entre os institutos até 13 pontos – IPEC dá -9 e Quaest 4 pontos. •

* Mestre em sociologia, é coordenadora do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (Noppe), da Fundação Perseu Abramo.

INSTITUTO	FAIXA	PERCENTAGEM AMOSTRAL POR INSTITUTO	LULA EM %	BOLSONARO EM %	DIFERENÇA
FSB	Até 2 SM	44%	58	25	33
	De 2 a 5 SM	39%	36	43	-7
DATAFOLHA	Até 2 SM	52%	55	23	32
	De 2 a 5 SM	44%	38	41	-3
IPEC	Até 2 SM	55%	52	24	28
	De 2 a 5 SM	25%	32	41	-9
QUAEST	Até 2 SM	38%	55	27	28
	De 2 a 5 SM	40%	41	37	4

ESPERANÇA EM TEMPO DE MUDANÇA

Lula anuncia políticas sociais e econômicas para melhorar a vida da população, em especial as camadas mais pobres. O Brasil voltou ao Mapa da Fome com Bolsonaro. É hora de virar o jogo

Reginaldo Lopes

A presença de mais de 100 mil pessoas na Praça da Estação, em Belo Horizonte, dia 18, para o primeiro comício de Lula (PT) e Alexandre Kalil (PSD) na campanha eleitoral foi emocionante. Com maciça presença da juventude e caravanas de todas as regiões do estado, o ato deu a largada para a campanha oficial de Lula, no segundo maior colégio eleitoral do país.

Há um simbolismo importante na decisão do ex-presidente de iniciar por Minas sua caminhada ao Palácio do Planalto. Ao lado do empresário mineiro José Alencar, já falecido, foi lá que ele ganhou com larga margem de votos a eleição de 2002 e 2006, com um discurso cujo teor, no campo econômico e social, é o mesmo de 20 anos depois: fortalecimento das empresas nacionais, criação de empregos, geração e distribuição de renda, respeito ao meio ambiente e vida melhor para os brasileiros.

O resgate dessa agenda justifica-se diante dos retrocessos que o Brasil vem sofrendo com o governo neofascista Bolsonaro. Em BH, os mineiros deixaram claro que a eleição de Lula significa



reverter o cenário de fome, desemprego e pobreza.

O projeto do ex-presidente é retomar políticas sociais e econômicas que melhorem as condições de vida da população, em especial as camadas mais pobres. De-

pois de ter saído do Mapa da Fome das Nações Unidas no governo Dilma, o Brasil voltou a enfrentar o flagelo. São 33 milhões de brasileiros passando fome e mais de 100 milhões sem saber o que comerão no dia seguinte.

Nesse cenário desastroso tem funcionado uma gigantesca máquina de mentiras de novo alimentada por Bolsonaro e seus apoiadores, para tentar a reeleição do ex-capitão e afundar o Brasil ainda mais no imenso atoleiro econômico e social em que está. Não só tentam maquiagem a realidade macabra que trouxe de volta a miséria e a fome, mas também insistem em atacar a democracia e desestabilizar as instituições.

Assim, na fala aos mineiros, que sempre lutaram por democracia e liberdade, Lula frisou que na presente conjuntura o desafio é ainda mais amplo. Além da questão econômica, desponha a defesa da democracia e das liberdades democráticas, sob ameaça por conta do governo neofascista Bolsonaro. E, claro, a questão ambiental, negligenci-

ada pelo atual governo, inerte diante do aquecimento global e conivente com o desmatamento desenfreados em todo o país, em especial na Amazônia.

A destruição ambiental é uma ameaça ao povo brasileiro, inclusive ao regime de chuvas, do qual depende a agricultura de todo o país. Trata-se, portanto, de questão de segurança nacional conter a depredação ambiental e levar à cadeia os criminosos que destroem a natureza, um patrimônio coletivo.

Esta é uma eleição que representa a retomada de um projeto de país que tem o povo no centro, prezando a soberania nacional, a tolerância, a solidariedade e a convivência civilizada entre os que pensam diferente. Em BH, foi dada a largada para a recuperação da autoestima dos brasileiros, com a superação do neoliberalismo e do neofascismo, que, numa ação combinada, geram truculência, ódio, morte e dilapidação do patrimônio público.

Há uma oportunidade histórica de superação dos problemas atuais. Como disse o ilustre mineiro Tancredo Neves, em 1985: "Se todos quisermos, dizia-nos há quase 200 anos, Tiradentes, aquele herói enlouquecido de esperança, poderemos fazer deste país uma grande nação. Vamos fazê-la". •

Economista, é deputado federal por Minas Gerais e líder da bancada do PT na Câmara dos Deputados.



RENEGOCIAÇÃO A Serasa vem tentando reverter quadro, promovendo feirões com consumidores inadimplentes

INADIMPLÊNCIA CRESCE NO BRASIL

Endividados aguardam nova fase: 40% dos brasileiros estão com contas em atraso. Retomada da economia, controle da inflação e queda nos juros devem ficar para o ano que vem, sob novo governo. Lula anuncia que vai renegociar dívidas

Isaías Dalle

Milhões de brasileiros estão com contas atrasadas. Segundo pesquisa do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) e da Confederação Nacional de Lojistas (CNDL), divulgada no início de agosto, 63,2 milhões de pessoas, mais de 39% da população, estavam inadimplentes em julho. Quatro em cada dez brasileiros adultos vão dormir preocupados com boletos vencidos que não conseguiram pagar. A maioria, 36%, está com contas em atraso acumulado entre 90 dias e um ano. Em segundo lugar, com 21% do total, estão pessoas que não

pagaram contas vencidas havia 90 dias. Os índices são os maiores captados pelo SPC/CNDL desde que o levantamento passou a ser feito, há oito anos.

É como estar preso a um terreno de areia movediça, em que a sensação de afundamento agrava-se a cada dia. Contas em atraso geram mais juros e pressionam o devedor, que precisa fazer escolhas difíceis entre o que é realmente indispensável para a vida de sua família. Comer ou pagar o cartão de crédito. Quitar o boleto da compra financiada ou regularizar a conta de energia elétrica. O cenário ao redor não é inspirador: quando não o desemprego, o devedor tem de se virar com salários ou ganhos cada vez mais

comprimidos, frente a uma inflação persistente que atinge bens indispensáveis à sobrevivência, apesar da tão decantada queda de preços em alguns itens. Mas o conjunto dos alimentos, por exemplo, continua com preços nas alturas.

Outro indicador importante de inadimplência utilizado no Brasil aponta na mesma direção. A pesquisa Serasa mais recente, de junho, destaca que 66,8 milhões de pessoas no Brasil estavam com contas em atraso de 90 dias ou mais. São homens e mulheres que têm seus nomes incluídos nas famigeradas listas de calote. Além das dificuldades práticas que essa condição impõe, como não conseguir mais fazer com-

pras a prazo ou perder o acesso aos limites de crédito dos bancos, a inadimplência adoece. Oito em cada dez brasileiros foram acometidos de ansiedade, depressão, estresse ou vergonha – este sentimento é apontado por 54% dos inadimplentes, conforme apontou pesquisa da CNDL em março deste ano.

O valor das dívidas em atraso demonstra que a maioria dos inadimplentes compõe as bases da pirâmide social: 34,5% das pessoas devem até R\$ 500. Na outra ponta, 12% acumulam dívidas acima de R\$ 7,5 mil. Já 20,5% dos devedores têm boletos vencidos que acumulam entre R\$ 1 mil e R\$ 2,5 mil. Em iniciativa inédita, a Serasa e um grupo de 45 empresas aboliram os juros na intermediação de dívidas de pessoas físicas.

A pergunta que tira o sono de muitos – o que fazer? – deve, ou deveria, estar rondando a cabeça dos candidatos a presidente e seus assessores de campanha. No caso do candidato à reeleição, o principal gesto até o momento foi convidar as pessoas a se endividar ainda mais, especialmente as mais pobres. A possibilidade de contrair crédito consignado sobre o Auxílio Brasil, criada pelo governo Bolsonaro, promete produzir mais empobrecimento e dor de cabeça. Caso o beneficiário pegue o consignado, nos meses seguintes o dinheiro ficará retido no banco, como, aliás, tem alertado o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Na sabatina promovida pelo Jornal Nacional, na quinta-feira, Lula reiterou o compromisso de renegociar as dívidas da população. “Nós temos quase 70% das famílias brasileiras endividadadas, e a grande maioria delas é mulher, 22% endividadadas porque não pode pagar a conta de água, a conta de luz, a conta do gás”, lembrou o ex-presidente. “Nós vamos negociar essa dívida. Pode ficar certo que nós vamos nego-

ciar com o setor privado e com o sistema financeiro”, disse.

Um novo governo Lula planeja promover a renegociação das dívidas das famílias e das pequenas e médias empresas por meios dos bancos públicos e incentivos aos bancos privados para oferecer condições adequadas de negociação com os devedores. A proposta está na plataforma “Diretrizes para o Programa de Reconstrução e Transformação do Brasil”, elaborada pelos sete partidos que compõem a coligação Lula-Alckmin.

Para compreender melhor o que pode acontecer com a inadimplência a partir de 2023, um rápido olhar sobre o passado pode ser de grande valia. Apesar de terem origem em outras pesquisas e refletirem momento diferente, alguns números mostram que houve queda consistente na inadimplência da população no primeiro governo Lula. Segundo dados da época produzidos pela Abracheque, empresa ligada ao setor financeiro, houve redução de 42% na inadimplência em 2003, em comparação com o ano anterior. Já a Serasa divulgou o índice de inadimplência de 5,1% ao final de 2003, contra os 39,9% da população em atraso com cheques, cartões, títulos e outras dívidas ao final de 2002, antes da posse de Lula.

À época, a imprensa brasileira destacava como fatores da queda a retomada da atividade econômica, os programas de transferência de renda – como o Bolsa Família – e os esforços de equalização de dívidas, por intermédio de instrumentos como o crédito consignado nas aposentadorias.

“Houve também um cenário internacional favorável, com o incremento do preço das commodities, que nos ajudou a arrefecer a inflação e valorizar nossa moeda, o que facilitou na quitação de dívidas das famílias”, lembra o

economista Gabriel Galípolo.

Para 2023, ele não prevê uma conjuntura externa favorável como aquela. No entanto, aposta, as condições estão dadas para uma nova recuperação. “O Brasil está mais preparado do que antes, porque é um credor líquido internacional, têm reservas”, lembra. “E há o fator Lula, um estadista preparado e reconhecido, capaz de navegar num mundo mais complexo e fragmentado”. Galípolo é professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e ex-presidente do Banco Fator.

Para o economista, o enfrentamento da crise e consequente queda da inadimplência das famílias brasileiras passa por propostas apresentadas pela campanha de Lula. “O PT já fez e sabe fazer”, aponta. “Há várias frentes de geração de emprego e renda em massa e com rapidez, como a retomada das obras públicas de infraestrutura econômica e social. E os prometidos investimentos em reindustrialização, uma indústria de novo tipo, sustentável, vão se refletir no aumento da renda média”, comenta.

Há ainda a questão das taxas básicas de juros, hoje em 13,75%. No início do atual governo, o índice era de 6,50%. Galípolo lembra que é preciso reduzi-las. “Hoje o governo sobe a taxa para aumentar o prêmio dos investidores que têm títulos da dívida e para aumentar a demanda por reais e segurar o dólar. Remédio errado, com efeitos colaterais muito ruins, inclusive sobre a capacidade de as famílias pagarem suas contas”, ressalta. A independência do Banco Central pode atrapalhar essa missão? “Olha, acho que a Gleisi Hoffmann acertou quando disse que essa independência é técnica e operacional, mas não independência diante de um presidente eleito. Não é independência frente à democracia”, conclui. •



LAWFARE Em nota de solidariedade, a ex-presidenta Dilma Rousseff diz que Cristina está sendo perseguida pela Justiça

A PERSEGUIÇÃO A CRISTINA KIRCHNER

A vice-presidenta da Argentina continua sendo perseguida pelo Ministério Público, acusada de corrupção, sem provas, como Lula. Dilma denuncia: “Ela é vítima de mais um ato brutal de lawfare e de perseguição política”

O modelo é o mesmo: aparelhado por adversários políticos, promotores públicos investem contra líderes políticos do campo popular sob acusações genéricas de corrupção e desvio de dinheiro em obras públicas. Foi assim no Brasil, com Luiz Inácio Lula da Silva; no Equador, com Rafael Correa; na Bolívia, com Evo Morales; e em Portugal, com o ex-primeiro-ministro José Sócrates. Agora, o assassinato de reputações acontece na Ar-

gentina, contra a vice-presidenta da República Cristina Fernández de Kirchner.

Ela enfrenta acusações de corrupção em licitações de obras que ocorreram durante seu mandato à frente da Casa Rosada, entre 2007 e 2015. O Ministério Público da Argentina pediu, na segunda-feira, 22, nada menos do que 12 anos de prisão para a vice-presidenta argentina, além da perda perpétua de direitos políticos. O caso é mais um escandaloso uso do lawfare contra líderes políticos

progressistas na América Latina.

A ex-presidente Dilma Rousseff veio a público no dia seguinte, 23, para traçar paralelos entre o processo enfrentado pela líder da esquerda argentina e a oposição que ela própria enfrentou no Brasil, vítima de um impeachment que completa esta semana seis anos. Dilma denuncia que até hoje nenhum tribunal argentino considerou válida qualquer acusação contra Cristina e que o caso é “pura perseguição judicial e midiática”. “Seu direi-

to à defesa foi violado, com o abusivo acréscimo de acusações que nunca haviam sido feitas”, criticou.

“É o método que a extrema direita adota no continente para interditar líderes que vivem no coração do povo”, denuncia a ex-presidenta do Brasil. A própria Cristina denunciou o caráter de perseguição política no Senado da Argentina, ainda na terça-feira. “Este é um julgamento contra o peronismo”, criticou, apontando o movimento político argentino aliado às ideias de Juan Domingo Perón, que comandou o país de 1946 a 1955 e de 1973 a 1974.

A vice-presidente e outras doze pessoas são acusadas de direcionar licitações de obras públicas na província de Santa Cruz para favorecer o empresário Lázaro Báez, que também é alvo no processo movido pelo Ministério Público. Como ocupa o cargo no Executivo e o cargo de presidente do Senado, é necessária uma autorização da Suprema Corte para que uma sentença condenatória, caso ocorra, seja cumprida.

Além de Dilma, mais de 250 líderes mundiais expressaram sua solidariedade com Cristina. Todos denunciaram que o julgamento do chamado “caso Vialidad” contra a vice-presidente é “mais um capítulo da estratégia lawfare” em vigor na América Latina. Eles susten-

tam que a perseguição contra Cristina também se deve “à sua condição de mulher”. O documento foi assinada por Dilma, a senadora colombiana Piedad Córdoba; a jornalista espanhola Pilar del Río; a filósofa Chantal Moufee; a ministra boliviana María Nela Prada; e a líder das Mães da Plaza de Mayo, Taty Almeyda.

Também na quarta-feira, o Grupo de Puebla, organização que reúne líderes políticos e

intelectuais da região iberoamericana, protestou contra a perseguição à vice-presidenta da Argentina. “No período entre 2015 e 2019, ela foi processada repetidamente, chegando a mais de uma de uma dúzia de processos, em quase todos os casos promovidos pelos mesmos juízes, promotores e outros membros do Judiciário que tinham vínculos com o então presidente Mauricio Ma-

cri”, diz um trecho do documento divulgado na quarta-feira, 24.

“Através de promotores e juízes, a direita busca bani-la sem permitir que ela se defenda”, afirma o texto do Grupo de Puebla, fazendo alusão direta ao pedido do promotor Diego Luciani para condenar o ex-presidente a 12 anos de prisão e inabilitação perpétua para o exercício de cargos públicos. O Grupo de Puebla cita parecer do Conselho Latino-americano de Justiça e Democracia (Clajud). •

O GRUPO DE PUEBLA DENUNCIA: “ATRAVÉS DE PROMOTORES E JUÍZES, A DIREITA BUSCA BANI-LA SEM PERMITIR QUE ELA [CRISTINA] SE DEFENDA”

MICHELLE BACHELET PREOCUPADA COM JULIAN ASSANGE

A alta comissária da ONU para os Direitos Humanos, Michelle Bachelet, recebeu na quinta-feira, 25, em Genebra a mulher e os advogados do fundador do Wikileaks, Julian Assange. Eles denunciaram a eventual extradição do jornalista para os Estados Unidos.

A reunião aconteceu no Palais Wilson, sede do Alto Comissariado, onde Bachelet foi informada sobre as violações de direitos humanos cometidas contra o fundador do Wikileaks e as implicações para a liberdade de imprensa e o direito dos cidadãos à verdade.

Assange está detido no Reino Unido e teme que sua vida esteja em perigo se ele for transferido para os EUA, em virtude de uma ordem assinada em junho pelo governo britânico e pendente de dois recursos. A Procuradoria dos EUA acusa Assange de espionagem pelo vazamento e publicação de centenas de milhares de telegramas diplomáticos do Departamento de Estado e das Forças Armadas dos EUA referentes às guerras com o Iraque e Afeganistão e à prisão de Guantánamo.

Os advogados de Assange, Baltasar Garzón e Aitor Martínez, informaram Bachelet sobre a situação atual do ativista, bem como os recursos pendentes perante o Supremo Tribunal britânico. Os defensores indicaram que o caso é um ataque contra a liberdade de imprensa em nível global e o direito de acesso à informação. •



31 de agosto de 2016

GOLPE DE ESTADO: SENADO APROVA O IMPEACHMENT DE DILMA

Em 31 de agosto de 2016, o Senado Federal aprova, por 61 votos contra 20, o impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT). Ela foi acusada sem provas de ter cometido crimes de responsabilidade na condução financeira do governo. Apesar da decisão, Dilma conseguiu manter os direitos políticos. Não foram alcançados os 54 votos necessários para que ela perdesse o direito a ocupar cargos públicos: foram 42 votos a favor da perda; 36 contrários e 3 abstenções.

A decisão abriu caminho para a efetivação de Michel Temer (PMDB) na Presidência da República até 2018. A posse de Temer ocorreu em rápida cerimônia no Senado ainda na quarta-feira. Pou-

co antes, no Palácio da Alvorada, Dilma fez um pronunciamento histórico:

"Hoje, o Senado Federal tomou uma decisão que entra para a história das grandes injustiças. Os senadores que votaram pelo impeachment escolheram rasgar a Constituição Federal. Decidiram pela interrupção do mandato de uma Presidenta que não cometeu crime de responsabilidade. Condenaram uma inocente e consumaram um golpe parlamentar.

É o segundo golpe de estado que enfrento na vida. O primeiro, o golpe militar, apoiado na truculência das armas, da repressão e da tortura, me atingiu quando era uma jovem militante. O segundo,

o golpe parlamentar desfechado hoje por meio de uma farsa jurídica, me derruba do cargo para o qual fui eleita pelo povo.

O projeto nacional progressista, inclusivo e democrático que represento está sendo interrompido por uma poderosa força conservadora e reacionária, com o apoio de uma imprensa facciosa e venal. Vão capturar as instituições do Estado para colocá-las a serviço do mais radical liberalismo econômico e do retrocesso social.

Acabam de derrubar a primeira mulher presidenta do Brasil, sem que haja qualquer justificativa constitucional para este impeachment. (...)

O golpe é contra os movimen-

tos sociais e sindicais e contra os que lutam por direitos em todas as suas acepções: direito ao trabalho e à proteção de leis trabalhistas; direito a uma aposentadoria justa; direito à moradia e à terra; direito à educação, à saúde e à cultura; direito aos jovens de protagonizarem sua história; direitos dos negros, dos indígenas, da população LGBT, das mulheres; direito de se manifestar sem ser reprimido.

O golpe é contra o povo e contra a Nação. O golpe é misógino. O golpe é homofóbico. O golpe é racista. É a imposição da cultura da intolerância, do preconceito, da violência”.

Em sua defesa no Senado, apresentada dois dias antes, na segunda-feira, 29, Dilma afirmou que não praticou irregularidades e que o impeachment era um “golpe de Estado” por motivações políticas e por não ter existido crimes de responsabilidade em seu governo. Ela passou 13 horas no plenário do Senado fazendo sua defesa.

Desde 2015, o impeachment mobilizou protestos em diversas cidades do país, tanto de defensores de Dilma quanto de manifestantes a favor de sua deposição do cargo. No início do ano, as manifestações foram ganhando força.

Dilma foi condenada pelas chamadas “pedaladas fiscais” do Plano Safra e por ter publicado três decretos que ampliaram a previsão de gastos do Orçamento sem autorização do Congresso Nacional.

A defesa da presidente afirma que os atrasos não podem ser entendidos como um tipo proibido de empréstimo porque acontecem desde governos anteriores.

O Ministério Público Federal também entendeu que não houve empréstimos ilegais no Plano

Safra e arquivou uma investigação criminal sobre o caso.

No caso dos decretos, a decisão do Senado diz que a irregularidade foi ter publicado autorizações para mais gastos públicos sem autorização do Congresso, o que seria conseguido se os créditos ao orçamento fossem aprovados por projeto de lei.

A defesa da presidente afirma que a lei do Orçamento dava autorização para a publicação dos

DILMA: VÃO CAPTURAR AS INSTITUIÇÕES DO ESTADO PARA COLOCÁ-LAS A SERVIÇO DO LIBERALISMO ECONÔMICO E DO RETROCESSO SOCIAL

decretos, pois naquele momento o governo promovia um corte de despesas para cumprir a meta fiscal de cerca de R\$ 70 bilhões.

Dilma nega ter cometido um crime. A agora ex-presidente afirma que o entendimento de que a prática seria um tipo ilegal de operação de crédito só foi fixado pelo TCU (Tribunal de Contas da União) no final de 2015 e que os atrasos aos bancos já ocorriam em governos anteriores.

O processo contra Dilma foi aberto no começo de dezembro de 2015 pelo então presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), que também é alvo de pedido de cassação. Adversário do governo, Cunha anunciou a abertura do processo poucas horas depois de a bancada do PT confirmar que votaria a favor da cassação do peemedebista no Conselho de Ética da Câmara.

Em abril, a decisão de Cunha foi confirmada pelo plenário da Câmara por 367 votos a favor do impeachment e 137 contrários, em sessão que chamou a atenção pelas justificativas de voto dos deputados, em que expressões como “família” e “Deus” tiveram mais menções que “crime de responsabilidade”.

Na prática, a Câmara autorizou que a presidente pudesse ser julgada pelo Senado. Mas, apenas em 12 de maio, o Senado aprovou a abertura do processo, o que determinou o afastamento temporário de Dilma do cargo.

Enquanto ocorria a fase de investigação no Senado, vieram a público os áudios de conversas nas quais o senador Romero Jucá (PMDB-RR), um dos principais articuladores do impeachment no Senado, aparentemente sugere que a troca de comando no governo seria o caminho para um pacto capaz de deter a Lava Jato.

“Se é político, como é a política? Tem que resolver essa porra. Tem que mudar o governo para estancar essa sangria”, diz Jucá em diálogo travado semanas antes da votação do impeachment na Câmara com o ex-presidente da Transpetro e delator na Lava Jato Sérgio Machado, que reage: “É preciso colocar o Michel, num grande acordo nacional, com Supremo, com tudo”.



Arquivo dos Santos/CPDoc/IB

31 de agosto de 2009 **LULA PROPÕE LEI DE PARTILHA DO PRÉ-SAL**

Em 31 de agosto de 2009, o governo Lula envia ao Congresso Nacional, um projeto de lei de alteração no marco regulatório de exploração da camada profunda de óleo, propondo substituir o regime de concessão pelo de partilha em todo o pré-sal brasileiro.

O projeto determinava que a Petrobrás fosse exploradora de todos os blocos do pré-sal, com participação mínima de 30% em cada um. Os 70% restantes poderiam ser contratados diretamente com a estatal ou licitados para empresas nacionais ou estrangeiras.

Outras importantes mudanças foram o pagamento de 15% do valor em royalties do petróleo extraído (em oposição aos 10% do regime de concessão), a obrigatoriedade de utilizar conteúdo produzido no Brasil nas plataformas e maquinários empregados na extração e a constituição de um Fundo Social do Pré-Sal.

Um dos principais debates suscitados pela nova lei foi a divisão dos royalties entre as unidades da federação. Os governadores dos principais estados produtores de petróleo fizeram forte campanha contra a divisão equânime dos royalties, exigindo maior parcela da compensação.

Após mais de um ano de tramitação, com pressões contrárias das petrolíferas multinacionais, a lei do regime de partilha foi sancionada por Lula em 21 de dezembro de 2010.

28 de agosto de 1983

SINDICALISTAS CRIAM A CUT EM SÃO BERNARDO

A fundação da Central Única dos Trabalhadores (CUT) foi aprovada pelo Congresso Nacional da Classe Trabalhadora em 28 de agosto de 1983. Nasce assim, pela base, a primeira central sindical criada após o Golpe de 1964. Reunidos por três dias em São Bernardo do Campo (SP), 5.059 delegados de 912 entidades sindicais elegeram a primeira direção provisória da entidade, tendo como presidente o metalúrgico Jair Meneghelli.

A fundação da CUT aconteceu dois anos depois de ter sido aprovada na 1ª Conferência Nacional da Classe Trabalhadora (Conclat). Ao longo desse período, houve intensa disputa entre as correntes sindicais ligadas ao Partido dos Trabalhadores e os dirigentes ligados ao Partido Comunista Brasileiro, Partido Comunista do Brasil e Movimento Revolucionário 8 de Outubro, contrários à criação de uma central independente da estrutura oficial de sindicatos e confederações. Esses grupos integraram a CUT por um curto período. Em 1986, fundaram a Confederação

Geral dos Trabalhadores (CGT).

O impasse na criação da entidade foi rompido no momento em que o governo do general presidente João Baptista Figueiredo tentava implantar um duro arrocho salarial. Sindicatos das duas correntes participaram da greve geral de protesto, em julho daquele ano.

A primeira reivindicação da CUT foi a retirada do Decreto-Lei 2.045, em tramitação no Congresso Nacional, que limitava os reajustes salariais a 80% do índice de inflação do período. O congresso de fundação aprovou também a luta pelo cancelamento dos acordos com o Fundo Monetário Internacional (FMI), contra as intervenções nos sindicatos (como os de petroleiros e bancários de São Paulo) e pela reforma agrária.

A criação da CUT foi um desafio à legislação sindical, que proibia a organização dos trabalhadores de diferentes categorias numa só entidade. Mesmo não sendo "única", a CUT foi desde o princípio a maior central sindical brasileira e tornou-se a maior da América Latina.



Ricardo Stuckert

Agosto de 2010

BRASIL DÁ PRIORIDADE ÀS RELAÇÕES COM A ÁFRICA

Com Lula na Presidência, o Brasil definiu o continente africano como área estratégica para a cooperação Sul-Sul. As relações diplomáticas entre Brasil e África se fortaleceram de forma inédita entre 2002 e 2010. Em seus dois mandatos, o presidente visitou 29 países do continente africano e abriu 19 novas embaixadas brasileiras, fazendo do Brasil o 5º país não africano com maior representação diplomática no continente.

Também nesse período, a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) se fortaleceu, assim como as ações na área de cooperação educacional interna-

cional. Em 2010, foi inaugurado em Redenção (CE) o primeiro campus da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).

O entendimento do governo era de que havia um imenso potencial para ampliação da cooperação em políticas públicas para combate à fome e à pobreza, comércio de bens e serviços, e investimentos em infraestrutura no continente africano. O Brasil tinha – e podia compartilhar – tecnologia em agricultura tropical, geração de energia, biocombustíveis e experiência em programas sociais.

31 de agosto de 1942

BRASIL DECLARA GUERRA À ALEMANHA E À ITÁLIA

Não é mais possível adiar: o Brasil declara guerra à Alemanha e à Itália em 31 de agosto de 1942 pelo governo Getúlio Vargas. Foram 19 navios torpedeados entre fevereiro e agosto, matando centenas de pessoas.

Entre 15 e 17 de agosto, cinco navios brasileiros foram postos a pique pelo submarino alemão

U-507 no litoral de Sergipe e Bahia. O maior deles foi o “Baependi”, no dia 15, levando à morte mais de 250 pessoas, entre tripulantes e passageiros. Poucas horas depois, chegaram notícias sobre o “Araraquara”, o “Aníbal Benévolo”, o “Itagiba” e o “Arará”: todos afundados, mais de 600 vítimas, entre mortos e feridos.

Outras datas históricas

31/08/1921: Nasce, no Reino Unido, Raymond Williams. Sociólogo marxista, se tornaria um especialista em estudos culturais.

29/08/1934: Polícia reprime com violência várias manifestações de trabalhadores, entre elas ferroviários, doqueiros, operadores de bonde, telegrafistas, telefonistas e eletricitários, todos em greve na Bahia.

27/08/1978: Ato público encabezado pelo Movimento Custo de Vida (MCV) em frente à Catedral da Sé, em São Paulo, após recolhimento de 1,3 milhão de assinaturas exigindo redução do custo de vida. A polícia reprimiu o ato violentamente.

27/08/1980: Uma carta-bomba explode ao ser aberta na sede da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) no Rio.

31/08/1980: Fundação do sindicato polonês Solidarnosc (Solidariedade).

29/08/1993: Chacina de Vigário Geral. Polícia Militar adentra a favela no Rio de Janeiro e dispara contra a população. 21 pessoas são mortas.

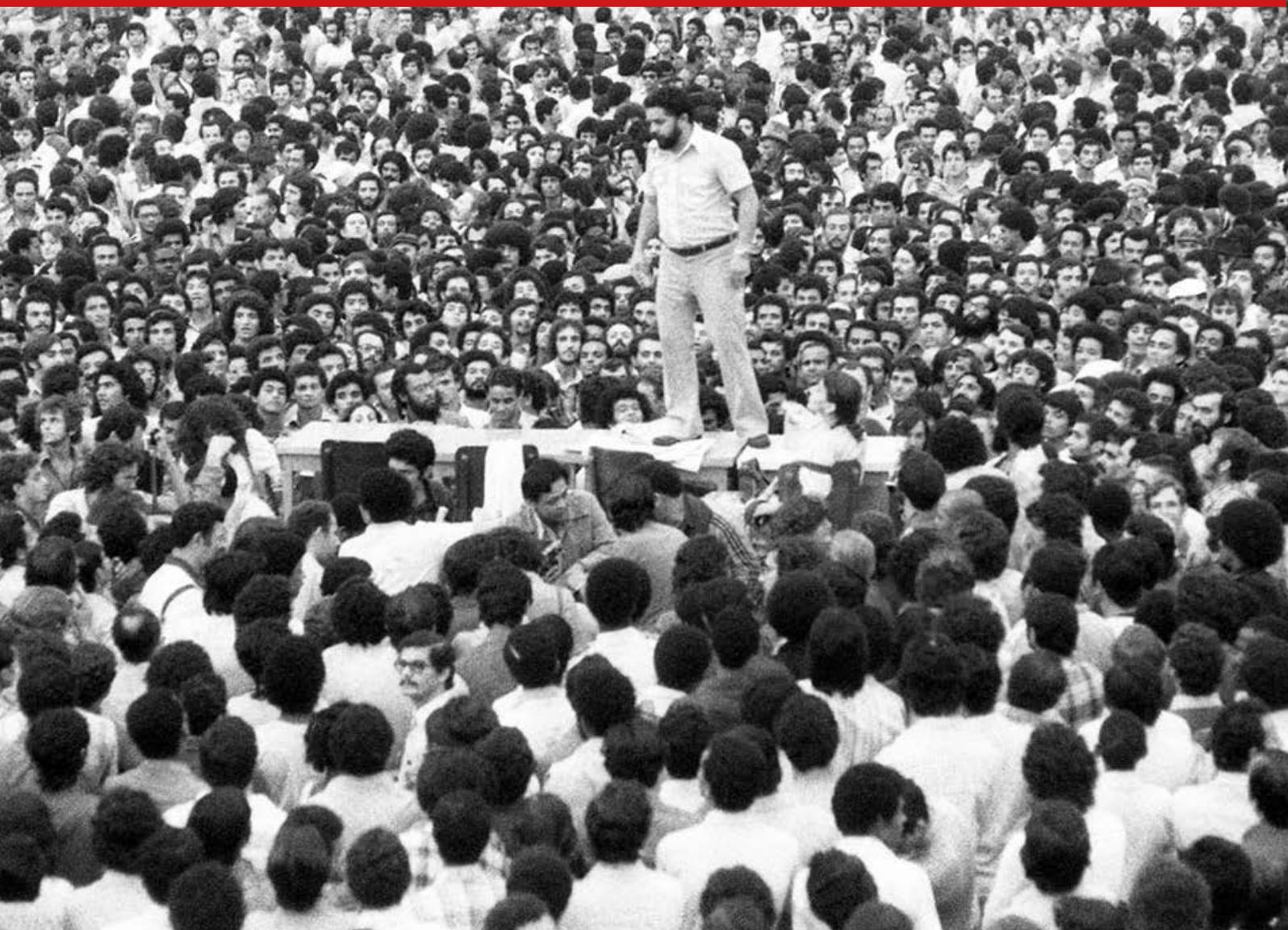
29/08/1997: 11º Encontro Nacional do PT, no Rio de Janeiro.

31/08/2001: 3º Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias correlatas, realizado na África do Sul.

31/08/2007: Começa em São Paulo o 3º Congresso Nacional do PT.

31/08/2007: Criação da Escola Nacional de Formação do PT.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br ou memorialdademocracia.com.br



DAS GREVES À PRESIDÊNCIA

Brasileirista analisa trajetória de Lula, desde a vida no sindicato dos Metalúrgicos do ABC até chegar ao Planalto. Biografia escrita por John D. French ganha tradução. O livro será lançado em setembro

Chega ao Brasil o último livro do historiador John D. French, "Lula e a Política da Astúcia: de metalúrgico a presidente do Brasil" (Editora Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo). Lançado nos Estados Unidos em 2020, a obra é uma biografia política de Lula, caracterizado pelo autor como "Uma figura sui generis" na introdução do volume.

O movimento sindical surgido nos anos 1980 em São Bernardo do Campo (SP) é tema de French

desde que iniciou seu doutorado em Yale, tendo a historiadora Emília Viotti da Costa como orientadora. Suas pesquisas na área de história social já produziram pelo menos dois livros fundamentais sobre a classe trabalhadora brasileira: "O ABC dos operários: conflitos e alianças de classe em São Paulo (1900-1950)", lançado pela Hucitec; e "Afogados em Leis: a CLT e a cultura política dos trabalhadores brasileiros", da Editora Fundação Perseu Abramo.

Em "Lula e a Política da Astúcia", French combina

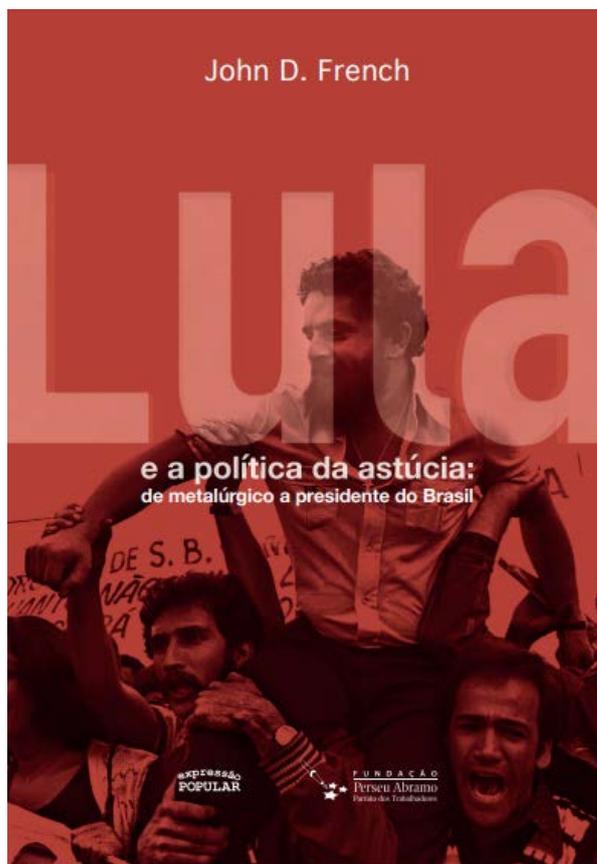
pesquisa histórica e análise política para, a partir da história de vida do “sui generis” Luiz Inácio Lula da Silva reconstruir o fenômeno brasileiro ocorrido nas décadas de 1970 e 1980 como “novo sindicalismo” ou o “sindicalismo do ABC” que desafiou as leis da ditadura militar de repressão aos sindicatos e ao direito de greve e foi desafiando na criação do Partido dos Trabalhadores em 1982, entrando na política partidária e institucional desde então.

Ou, nas palavras mais precisas de French, ainda na introdução: “Em 2014, quando Lula – um homem de, então, 69 anos, há dois mandatos fora do cargo da Presidência – ajudou seu partido político a vencer a quarta eleição presidencial consecutiva, a maioria de seus observadores considerou, equivocadamente, que os seus primeiros 40 anos de vida eram história antiga”.

French continua: “O destaque que recebeu parecia distorcer o arco narrativo de sua história pessoal e política, ofuscando o processo de contingência histórica. Eu pretendo, nesse livro, recuperar toda essa rica e negligenciada história política e pessoal, prestando bastante atenção à primeira metade de sua vida, que explica como Lula se tornou tão espetacularmente conhecido no Brasil e no mundo em 1979 como o carismático líder de greves massivas em meio a uma ditadura militar”.

Segundo o historiador, são esses primeiros anos que permitem a compreensão de como Lula – “o presidente mais popular da história do Brasil e, talvez, do mundo” – aprendeu a

atuar politicamente. E prossegue: “Como brilhou nas interações minuciosas de pequenos grupos e, ao mesmo tempo, se tornou um comunicador eficaz e um líder merecedor da confiança de centenas de milhares e, posteriormente, de dezenas de milhões de brasileiros. Sua história será contada para ampliar a visão mundial sobre o trabalhador pobre, sobre como os movimentos sociais radicais surgiram, e como eles puderam se transformar – apesar de todas



as dificuldades – em políticas eleitorais transformadoras consistentes e bem-sucedidas.”

Com 685 páginas na tradução brasileira, o livro de French ficará disponível no formato eletrônico para download nos sites da Fundação Perseu Abramo e da Editora Expressão Popular. O brasilianista virá ao Brasil para lançamentos em São Bernardo do Campo (3/9), Guararema (5/9), São Paulo (6/9), Fortaleza (8/9), Recife (9/9), Rio de Janeiro (10/9) e Brasília (13/9). •

CPI DA COVID GANHA LIVRO

Um médico e jornalista se juntou a um advogado e historiador para contar os bastidores de um dos capítulos mais importantes da história nacional recente. Os senadores Humberto Costa (PT-PE) e Raulo Rodrigues (Rede-AP) são os responsáveis pelo livro “A política contra o vírus – Bastidores da CPI da Covid”.

A obra, que será lançada em 15 de outubro, já se encontra em pré-venda no site da Amazon. Os autores revisitam o percurso da investigação aberta para apurar as responsabilidades pelas 680 mil mortes no Brasil durante a pandemia, desde o trabalhoso processo para coleta de assinaturas, passando pela instalação do colegiado e as investigações que levaram a sequência de descobertas que chocaram o Brasil.

“Este livro é, na verdade, um relato dos bastidores de tudo o que vivemos naqueles intensos meses de CPI. As articulações, o trabalho de investigação, as descobertas que fizemos”, explica Humberto. “É a saga da maior CPI da história do Congresso, que movimentou a maior quantidade de documentos e obrigou um governo omissivo, irresponsável e genocida, como o de Bolsonaro, a sair do imobilismo e agir”.

A participação de representantes da sociedade civil, o papel decisivo da mídia e dos influenciadores nas redes sociais, além das articulações entre parlamentares mostram que, no final das contas, a boa política existe. “Se Bolsonaro não cansa de mentir, a gente também não vai parar de espalhar a verdade”, diz Raulo. •

O BRASIL PERDE UM POUCO DA SUA ALEGRIA

A atriz carioca Cláudia Jimenez morre aos 63 anos, mas deixa um legado de personagens marcantes na comédia televisiva nacional e uma carreira de papéis em novelas, teatro e no cinema brasileiro

Eu adoro. É o que eu sei fazer de melhor. Me considero uma comediantes. (...) A minha Sorbonne foi a 'Escolinha [do Professor Raimundo]'. Trabalhar com aquelas pessoas [Chico Anysio, Walter D'Ávila], se você não aprender é porque não nasceu pra isso. Na TV, eu gostaria de ter algum diretor que bancasse um projeto diferente do humor que eu sempre fiz. Um personagem que fosse tragicômico. Para mostrar que eu também posso. (...) Estou na estante de 'engraçada'. Então é pra lá que eu vou ser solicitada." Em uma de suas últimas entrevistas ao jornal Folha de S. Paulo, a atriz Cláudia Jimenez, que morreu no sábado 20 de agosto, definiu assim sua relação com o humor e a comédia.

A partir do duplo lugar complicado de ser mulher e comediantes, especialidade da arte dramática que exige a capacidade de não apenas fazer rir, mas também de saber rir de si mesmo, Jimenez teve uma carreira de personagens marcantes, bordões inesquecíveis e uma luta permanente contra a gordofobia.

Vinda do teatro amador, aos 20 anos Cláudia estreou em papel na "Ópera do Malandro", de Chico Buarque, no final dos anos 1970.

Reprodução



De lá foi descoberta pela televisão, onde estreou nos programas de Jô Soares ("Viva o Gordo") e Chico Anysio ("A Escolinha do Professor Raimundo").

Cláudia se destacou em diversos programas de humor, como a sitcom "Sai de Baixo" e a primeira fase de "Zorra Total", novelas como "Torre de Babel" e as "Filhas da Mãe". Também trabalhou em diversas peças de teatro com os diretores Mauro Rasi, Jorge Fernando e Miguel Falabella.

No cinema, ganhou prêmio de melhor atriz no Festival de Brasília em 1991 no longa-metragem "O Corpo", em elenco que ainda contava com Antônio Fagundes, Marieta Severo e Carla Camurati.

Dona de uma risada solta, Cláudia nunca deixou de denunciar os

preconceitos que sofria por ser uma mulher fora dos padrões de magreza – e exatamente por isso, se notabilizava em papéis em que podia justamente explorar a sensualidade, como a empregada doméstica Edileuza, em "Sai de Baixo".

De acordo com a atriz Ingrid Guimarães, em entrevista ao jornal *O Globo*, Cláudia "não gostava de piadas com o corpo dela. (...) A vida inteira lutou contra isso, contra o humor depreciativo. Contra o humor que falava do próprio corpo. Apesar de ela brincar com isso, também tinha essa luta", lembra.

Nos últimos anos, Cláudia enfrentava problemas de saúde ligados a uma condição cardíaca. Morreu no Rio de Janeiro. •

BICENTENÁRIO

1822 2022



**DUZENTOS ANOS DE LUTA
PELA INDEPENDÊNCIA**



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

20
anos

Centro
Sérgio
Buarque
de Holanda
Documentação e
Memória Política
Instituído em 2001



A LUTA CONTRA O FASCISMO

Organização:

Alberto Cantalice e Pedro Camarão

Chico Diaz • Dilma Rousseff •
Fernando Haddad • Frei Betto
• Izabella Teixeira • João Manuel
Cardoso de Mello • Luis Nassif
• Luiz Carlos Bresser-Pereira •
Marilena Chaui • Paulo Betti
• Rogério Cerqueira Leite •
Silvio Almeida • Tereza Cristina

Disponível no site da Fundação Perseu Abramo

fpabramo.org.br/publicacoes/estante/a-luta-contr-a-fascismo/



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores